



CICLO DE DIÁLOGOS EM EDUCAÇÃO

CAMPINAS - SP

REALIZAÇÃO



APRESENTAÇÃO

Pensar, discutir, criar e efetivar práticas inovadoras e impactantes na educação. Esta foi a proposta do Ciclo de Diálogos em Educação, iniciativa da Fundação FEAC que reuniu lideranças influenciadoras da cidade de Campinas de diversos segmentos, como governo, sociedade civil, instituições privadas e universidades.

Para o papel de articulação, foi convidada a empresa social Core, que promove a colaboração intersetorial em temas como educação e desenvolvimento social visando impactos positivos à sociedade. De forma autônoma, a mesma conduziu os encontros para que fosse possível emergir uma proposta genuinamente colaborativa de caminhos e oportunidades de soluções com potencial de transformação na educação.

Este relatório documenta a trajetória do Ciclo de Diálogos, sistematiza as discussões dos encontros com as lideranças e apresenta os diversos aspectos que expõe a complexidade deste campo de atuação.



CICLO DE DIÁLOGOS EM EDUCAÇÃO EM CAMPINAS

PROPÓSITO

Criar um Laboratório de Inovação Social com atores do Sistema de Educação de Campinas, com o objetivo de fomentar um campo de cooperação que seja catalisador de transformações neste sistema.

PRINCÍPIOS NORTEADORES:

- Diálogo entre diferentes, divergentes
- Troca de saberes acadêmicos e empíricos
- Convergência de iniciativas
- Respeito ao tempo do processo
- Multissetorialidade
- Participação e Colaboração

FOCO

Contribuir com o desenvolvimento de uma Educação em Campinas com sentido para:



ALUNO



PROFESSOR



SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

METODOLOGIA TEORIA U

A Teoria U é uma abordagem de intervenção social de aprendizado e transformação profunda em nível sistêmico, visando endereçar os maiores desafios de nosso tempo.

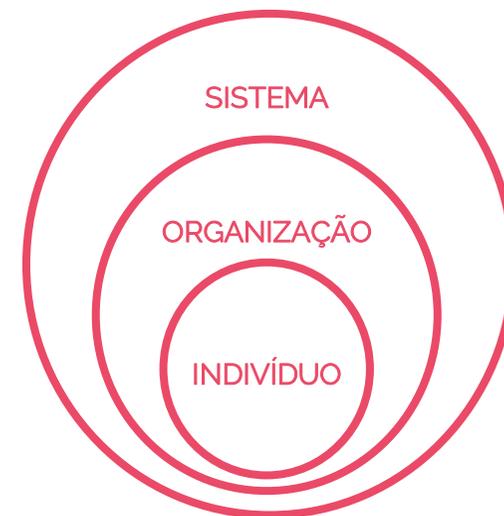
Ela propõe uma atitude de desaceleração diante dos problemas complexos que vivemos para compreender a fundo as mentalidades que os criaram.

A partir de encontros imersivos, os quais permitem ao grupo criar um campo de confiança e de diálogo, juntamos um grupo representativo do problema social (diversos setores, contextos e hierarquias) para viver um processo de transformação.

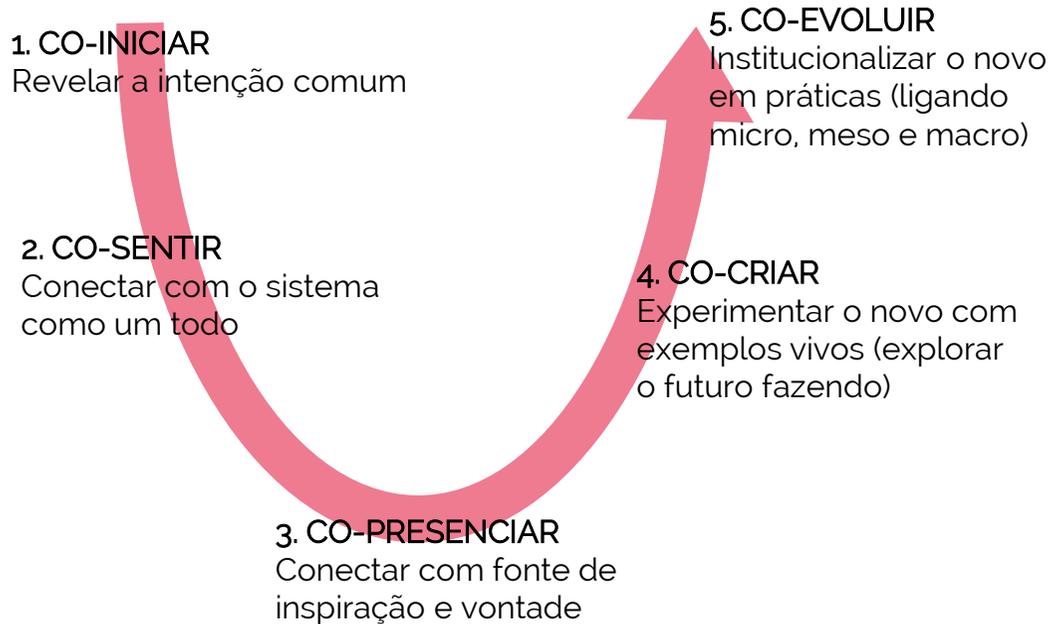
Esse processo se inicia pela transformação dos indivíduos, que então influenciam suas organizações, que influenciam o sistema como um todo.

*Um problema não pode ser
resolvido pelo mesmo nível de
consciência que gerou.*
Albert Einstein

TRANSFORMAÇÃO EM TRÊS NÍVEIS:



METODOLOGIA



O processo é descrito como um movimento de "U". É um convite a desacelerar para compreender o problema complexo em questão.

A parte de "baixo", o fundo do U, convida à quietude, para que todos possam se conectar com suas fontes de inspiração e vontade, seu propósito maior para com a Educação. Neste momento chave, o grupo se permite desapegar de velhas concepções, velhos arranjos e formas de seu fazer, para se conectar com o essencial, aquilo que permitirá uma transformação significativa.

O lado esquerdo do "U" é a subida na qual o grupo se dispõe a criar novos arranjos, soluções e iniciativas, com o vigor obtido no momento anterior.

O PROCESSO

1a Fase

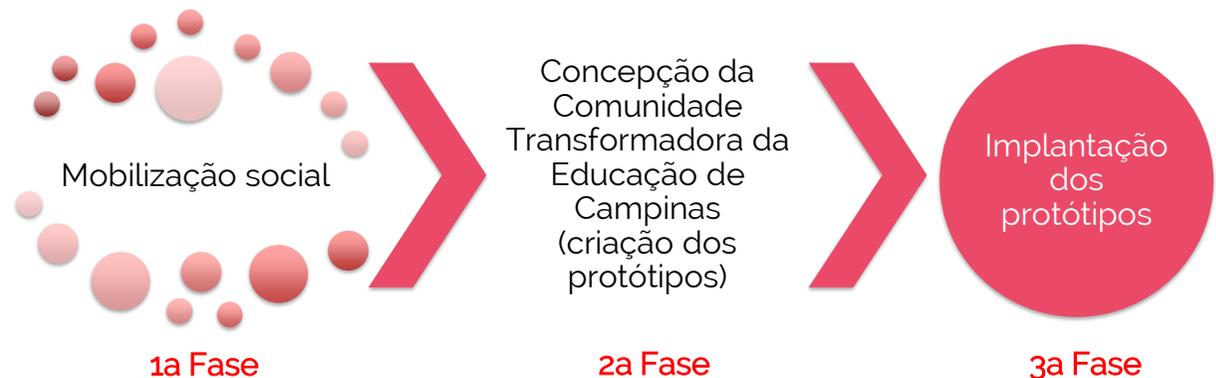
O **CICLO DE DIÁLOGOS** foi um processo pensado para ser realizado em fases. Cada fase aconteceria mediante a identificação de sentido para os participantes.

Este relatório trata da primeira fase do processo, a Mobilização Social.

FASE 1: MOBILIZAÇÃO SOCIAL

A fase de mobilização é fundamental para determinar o sucesso do Laboratório de Inovação Social. Nela é realizado um trabalho de mergulho no contexto, mapeamento, sensibilização e engajamento dos atores sociais divergentes e influenciadores da educação em Campinas. Ela o início de um processo que se sustenta no estabelecimento de relações de confiança e diálogo.

A resposta à esta fase é que define a continuidade ou não do processo.



MOBILIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO

O Ciclo de Diálogos foi concebido com uma comunicação que esclarecesse o propósito da iniciativa da melhor forma em diversos formatos (hotsite, folder, apresentação digital – ver www.dialogoseducacaocampinas.org.br).

O processo de mobilização abrangeu representantes dos governos municipal e estadual, empreendedores sociais, educadores, acadêmicos, pais e alunos. As perguntas realizadas objetivavam perceber como os representantes enxergavam a educação no município, como eram as relações entre os atores diversos, como viam a FEAC e se identificam valor em uma iniciativa como o Ciclo.

Todo o caminho percorrido visava verificar o sentido de tal iniciativa para esses atores sociais e representantes institucionais, na perspectiva da transformação da Educação em Campinas.

A mobilização foi um trabalho de curadoria para identificar atores sociais cuja a prática pessoal e/ou institucional apresentasse relevância e potencial de mudança no ecossistema de educação campineira.

Desafio:

- Saber quem seriam essas pessoas
- Obter abertura dessas pessoas para conhecer uma proposta que nasce do convite da FEAC – organização independente, privada, de interesse público, sem vínculos políticos partidários, com fins não econômicos.
- Ter a CORE reconhecida como um ator facilitador de um processo com interesse genuíno de contribuir com a transformação a partir da diversidade/complexidade dos participantes.

MOBILIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO

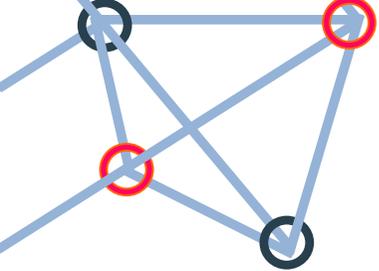
Um total de 67 pessoas foram contatadas. Alguns contatos não passaram de um telefonema ou e-mail e outros progrediram participando das entrevistas, de 2 encontros até a participação no minilab - uma imersão de dois dias para conhecer a abordagem de trabalho do Laboratório.

Ao longo desse percurso os atores sociais foram amadurecendo a compreensão do Ciclo e decidindo a continuidade de participação ou não conforme disponibilidade e, especialmente, identificação de sentido do propósito da iniciativa para sua prática institucional/ativista.

É importante destacar que o Ciclo não obteve a participação do segmento acadêmico ao processo. Foi realizado um esforço de articulação envolvendo 05 representantes da academia - UNICAMP, PUCCAMP e USF - porém sem efetivação de participação. O GEPEM/UNICAMP, esteve presente em um dos encontros realizados e se apresentou disponível para ser colaborador do Ciclo, mas sem disponibilidade de estar no minilab.

Esforço da mobilização	
Contato email ou telefone	10
Entrevista e/ou Encontros	31
Participação Oficina (minilab)	26
Total	67

Resultado da mobilização	
Comprometido	26
Declinado	10
Não posicionou	06
Sensibilizado	22
Colaborador	03



ACADEMIA

- NIED – UNICAMP
- FEA– UNICAMP
- GEP=INPSI – PUCCAMP
- GEPEM UNICAMP
- Universidade São Francisco

EDUCAÇÃO INOVADORA

- Escola da Ponte/Ecohabitare (Prof. Pacheco)
- Jardim das Amoras (Waldorf)
- Escola Schumacher
- GRA – Prática Social Reflexiva

REDE DE EDUCAÇÃO MUNICIPAL

- CEI Doutor Roberto Teles
- EMEF Dr. Lourenço Bellocchio
- FUMEC
- FUMEC – Ceprocamp
- EMEF Maria Pavanati Favaro
- EMEF Oziel Alves Pereira
- EMEF Correa de Melo
- EMEF Professor Benevenuto Torres
- Escola Sonia Levita
- Secretaria Municipal de Educação

SISTEMA JURÍDICO

- Defensoria Pública
- Ministério Público – Promotoria de Justiça Vara da Infância e Adolescência

ORGANIZAÇÕES SOCIAIS

- CPTI
- Creche Menino Jesus de Praga
- FEAC
- Força Jovem
- Fundação Educar Dpaschoal
- Instituto Alana
- Instituto Bosch
- Instituto CPFL
- Instituto Estre
- Instituto Fonte
- Phomenta
- Minha Campinas
- Progen – Projeto Gente Nova
- Todos pela Educação



RELAÇÃO DE INSTITUIÇÕES POR SEGMENTO MOBILIZADO

ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO

- Conselho Municipal da Juventude

REDE DE EDUCAÇÃO ESTADUAL

- Diretoria de Ensino Região Campinas Leste
- Diretoria de Ensino Região Campinas Oeste
- EE Culto a Ciência
- EE Dr. Manoel Marcondes Machado

ALUNOS

- Aluna (EM)
- Aluno (EM)
- Aluno (EM)

PAIS

- Mãe de aluno e membro do Conselho de Pais
- Mãe de aluno e membro do Conselho de Pais
- Pai de aluno
- Mãe responsável pelo Território do Brincar

VOZES DO CAMPO

Todo diálogo começa por uma escuta.

Escutar com qualidade pede de quem escuta uma atenção para suspender julgamentos, crenças e assim poder ver além dos rótulos. Uma intenção autêntica para conseguir ter um olhar fresco para algo que lhe parece tão familiar e, assim, poder maravilhar-se com o que até então não havia sido capaz de enxergar.

As vozes do campo foram obtidas por meio das entrevistas e dos encontros realizados. Ouvir quem está no campo é começar a formar as primeiras imagens dessa complexa paisagem que forma a educação de Campinas. É conhecer atores, entender, ainda que de forma abrangente, suas visões, dinâmicas, padrões, estruturas, potencialidades e desafios.

As vozes do campo é um convite ao leitor para percorrer um caminho que o leve ao encontro com o outro.

VOZES DO CAMPO – Pais*

Relação PAIS e ESCOLA

"Eu queria mudar algumas coisas quando minha filha vivenciou situações de carência na escola."

"Eu era apolítica e pelos meus filhos comecei a participar dos conselhos das escolas."

"O que me nutre é acreditar na educação."

"Eu brigo para chamar mais pais para se envolverem no conselho."

"Os diretores passam o que os pais podem saber e não o que devem saber."

"Há muitos professores que não querem os pais nas escolas."

"Muitos pais querem bater de frente com a gestão da escola."

"Um desafio é a valorização da educação por parte dos pais."

"Os pais cobram da escola coisas que cabem a eles, como valores, posturas."

VOZES DO CAMPO – Professor*

Desafios de ser professor

Há professores que não confiam nos alunos.

A gente [professores] tem medo de mostrar as dores.

Há desmotivação de alunos e professores por motivos de gestão, por falta de ideias, projetos.

Os professores não têm nenhuma rede de apoio. Estão sozinhos e abandonados, por isso há uma necessidade de se afirmarem como vítimas – pois este é o único papel que lhes resta; único papel de escuta social.

Os professores têm autonomia, mas não protagonizam.

Desafios e potências com o professorado

Tem que formar os gestores para darem força para o coletivo de professores ousarem.

Temos que parar de tratar o professor como um profissional hipossuficiente.

Tem uma acomodação o professor ser efetivo. Muito corporativismo no professorado. E a gente não vê o aluno.

A formação do professor é o nosso espaço de maior potencial de transformação.

Tem muita formação para os professores, mas não é visto isso chegar para dentro das escolas.

Campinas tem uma ideia presente de qualificação do professor. O que seria importante era pensar o modelo de aprimoramento.

VOZES DO CAMPO – Aluno*

O olhar da escola para o estudante

A educação oferecida não proporciona dinamismo e interesse na maioria dos jovens

A escola está no olhar do adulto e não da criança

Tem muito corporativismo, é preciso ver o olhar do aluno

A escola está com dificuldade de conversar com o adolescente

Desafios das crianças desfavorecidas economicamente

As crianças estão apresentando uma rotina de trabalho, saem de casa às 6h e voltam às 18h.

As crianças são guerreiras, o caminho que fazem para chegar até aqui é pesado.

O aluno é cobrado por uniforme quando não tem nem rua para acessar sua casa.

Novos tempos

O jovem sofre uma avalanche da mídia a serviço do poder econômico.

Somos incomodados com a falta de oportunidade para os jovens.

Antes a informação estava na escola, mas hoje está na TV, na internet.

O jovem que está lá dentro [da escola] é o mesmo da minha época. Tem a turma da frente e a de trás. Talvez o que mudou é que as escolas não estão tão fechadas.

Não sei se não estamos conseguindo conversar direito para aproveitar o potencial dessas crianças ou é a estratégia da escola que está falida.

VOZES DO CAMPO – Aluno*

Participação juvenil

O aluno quer ocupar espaços, propor diálogo.

Tentaram nos desorganizar, desde professores.

O aluno precisa ter voz!

Pertencimento! A criança precisa se reconhecer pertencendo para reivindicar por políticas públicas.

Aprendemos a nos organizar e desenvolvemos um sentimento de pertencimento e uma cultura de cuidar da escola.

A diretora era conservadora e desestimulava a formação do grêmio.

Os alunos aprenderam a se manifestar, mas também passaram a não respeitar professor e direção.

Quem ocupou as escolas não foram os alunos que levavam o ensino a sério.

Muitos sentimentos misturados, os alunos xingaram e humilharam professores.

VOZES DO CAMPO – Diretor* | Intersetorialidade

Papel do diretor

O diretor é peça fundamental, com sua ação uma escola pode ser outra escola.

Dentro da autonomia do diretor dá para fazer um bom trabalho, independente da gestão central.

A escola é a cara do diretor.

Intersetorialidade

É importante envolver comunidade, alunos, professores, gestores, pois as decisões na escola precisam ser coletivas.

A escola nunca tem hora para participar de espaços de diálogo intersetoriais.

É preciso políticas integradas.

As escolas tem resistência a parcerias.

Precisamos desenvolver políticas públicas construídas por vários atores, sair do mundinho onde é só importante a criança que a gente atende.

Para participar de um processo como este [do ciclo de diálogos] tem que ter objetividade. Não ficar só na conversa.

Acredito que seja fácil começar o diálogo se nos propusermos falar de princípios. Entendo que não há discordância de princípios. Discordamos de processos.

VOZES DO CAMPO – Setor Público*

Ineficiência da gestão

Os departamentos de gestão pública são ineficientes.

Há uma visão de que as secretarias não são intersecretarias.

Falta diálogo e coordenação interna na Secretaria de Educação.

As regras não são claras para todos, há muitos privilégios.

A escola tem problemas de políticas públicas e políticas partidárias.

Campinas precisa ter uma política educacional.

No Brasil temos um agente que é intransigente demais, que é o Estado. Ele acha que quem educa mais é o próprio Estado. Acaba com a figura do pai, do avô...

Questões entre SME e SEE

Há disputa entre estado e município.

Estado e município têm uma relação muito técnica.

Se queremos uma transformação significativa na rede, ela passa pelo estado.

Não há autonomia suficiente no estado para fazermos a mudança que gostaríamos.

A rede municipal se acha melhor que o estado. Mas não é. Os professores são os mesmos.

O município paga melhor, mas isso não representa no resultado de avaliação uma melhoria no desempenho do aluno.

A SME tem uma estrutura privilegiada. Tem ainda uma equipe muito qualificada de mestres e doutores.

VOZES DO CAMPO – Educação Especial | Comunidade | OSCs

Educação especial

Há muita rotatividade nos representantes institucionais o que compromete o resultado dos Grupos de Trabalho Especiais.

No atendimento as necessidades dos alunos têm questões emocionais que pedem outro tratamento para além da administração jurídica.

Predomina uma visão na sociedade que as crianças especiais precisam ser excluídas.

A participação das OSCs no processo educacional

A educação informal não é reconhecida, é mais do que assistência social.

Como fazer que as escolas reconheçam como políticas públicas os projetos realizados pelas organizações sociais?

Há um sucateamento das ONGs que atuam em Educação.

As OSCs têm que manter compromisso com suas iniciativas, mesmo que o dinheiro do financiador termine.

Comunidade

Há um olhar de preconceito da escola para a comunidade.

É importante olhar a comunidade como um conjunto nos instrumentos públicos.

Aqui o PCC entra onde o governo não entra: saúde, alimentação...

Campinas é dividida por shopping, onde cada comunidade só pode entrar no shopping que está no seu território.

Não há intersecção com as escolas que recebem as crianças das creches.

Não basta a comunidade vir pra escola. É preciso a escola ir pra comunidade.

É preciso ter diálogo com a comunidade, saber o que eles querem.

VOZES DO CAMPO – Setor Público

Ineficiência da gestão

Os departamentos de gestão pública são ineficientes.

Há uma visão de que as secretarias não são intersecretarias.

Falta diálogo e coordenação interna na Secretaria de Educação.

As regras não são claras para todos, há muitos privilégios.

A escola tem problemas de políticas públicas e políticas partidárias.

Campinas precisa ter uma política educacional.

No Brasil temos um agente que é intransigente demais, que é o Estado. Ele acha que quem educa mais é o próprio Estado. Acaba com a figura do pai, do avô...

Questões entre SME e SEE

Há disputa entre estado e município.

Estado e município têm uma relação muito técnica.

A SME se julga melhor que o estado.

Se queremos uma transformação significativa na rede, ela passa pelo estado.

Não há autonomia suficiente no estado para fazermos a mudança que gostaríamos.

A rede municipal se acha melhor que o estado. Mas não é. Os professores são os mesmos.

O município paga melhor, mas isso não representa no resultado de avaliação uma melhoria no desempenho do aluno.

A SME tem uma estrutura privilegiada. Tem ainda uma equipe muito qualificada de mestres e doutores.

Os diálogos estabelecidos revelaram as visões diversas que compõem a complexidade do fenômeno Educação em Campinas. Um olhar apreciativo e não afirmativo pode revelar aspectos possíveis no ambiente observado.

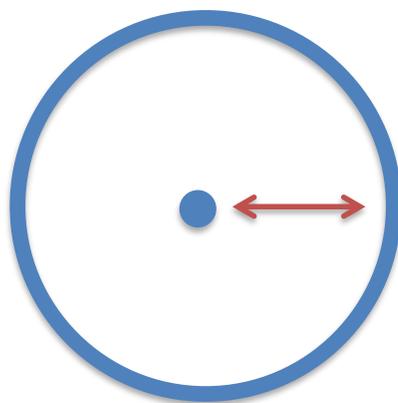
Aspectos presentes na complexidade do contexto	Possíveis efeitos favoráveis	Possíveis efeitos adversos
Rede Municipal de Educação descentralizada	Maior capilaridade da gestão pública, aproximação com as questões locais.	Visão do território compartimentada
Forte influência do pensamento acadêmico, em especial UNICAMP e PUCAMP, junto aos professores das Redes de Ensino	Pensamento crítico a serviço do aprimoramento educacional	Pensamento unilateral
64% dos profissionais da rede municipal de educação tem pós-graduação, mestrado e/ou doutorado	Maior qualificação	Baixo aproveitamento desta qualificação dentro da rede
Professores municipais têm maior remuneração e capacitação	Profissional com melhor remuneração financeira em comparação a outras redes e constante oferta de aprimoramento técnico	Crença na valorização do profissional exclusivamente pela remuneração, atrelada à cobrança por seu desempenho Aprimoramento pelo aprimoramento, sem reverter em melhoria educacional.
Profissionais comprometidos	Dedicação e propósito pessoal com a causa da educação	Cansaço e desgaste diante dos desafios da educação

Aspectos presentes na complexidade do contexto	Possíveis efeitos favoráveis	Possíveis efeitos adversos
Presença de organizações de investimento social privado	Entende que o grande ativo é o desenvolvimento dos atores locais e sua mobilização pela causa da educação.	Interferir com respostas prontas por supor ter expertise técnica.
Muitos experimentos e pesquisas aplicadas na interação universidade e escola	Conhecimento gerado e iniciativas bem-sucedidas	A escola vista como espaço de experimentação por vezes sem aplicabilidade em programa e políticas públicas educacionais.
Linha de pensamento crítico de resistência à participação da iniciativa privada na educação pública	O ensino público como um valor social	A polarização do discurso comprometendo o diálogo e a identificação de forças colaborativas para lidar com um tema de alta complexidade.
Polarização política partidária influenciando a educação (conservadorismo x progressismo)	Provoca a sociedade a discutir e repensar a sua participação na política educacional (Movimento de ocupação das escolas)	O comprometimento do pensamento crítico decorrente da intransigência gerada pela polarização (PL escola sem partido)
Poder público corporativista	Coesão de um grupo pela garantia de direitos	O Interesse de um grupo vir a se opor ao interesse maior da sociedade
Polarização entre educação formal e não formal	Não há aspecto favorável	Esvaziamento do poder de transformação do sistema educacional

OS ATORES SOCIAIS COMPROMETIDOS

Foram 26 pessoas que manifestaram a intenção de se comprometerem com a continuidade do Ciclo de Diálogos na perspectiva de um processo de médio, longo prazo, visando o desenvolvimento de propostas para a melhoria da educação em Campinas.

Um grupo diverso e divergente que assegura a presença do conhecimento empírico e acadêmico, sendo críticos e sensíveis às questões humanas.



O potencial influenciador dessas pessoas se dá por serem capazes de transitar no sistema educacional entre:

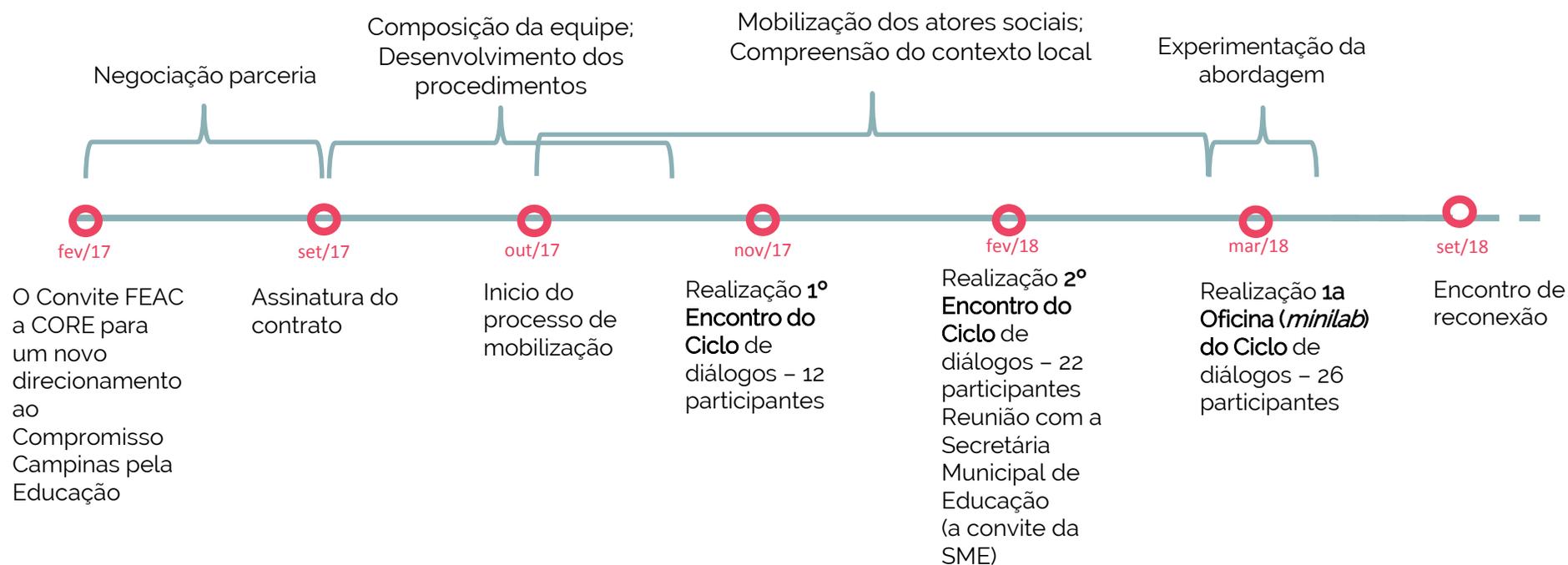
O CENTRO – onde se detém o poder das decisões políticas e estratégias e,

A BORDA– onde se detém o conhecimento do campo.

A ampliação de percepção desse grupo cria a possibilidade de um poder real de desenvolvimento para a educação.

No entanto, é importante que haja esforço para obter um número maior de envolvimento de pessoas/instituições com atuação direta no centro de decisões estratégicas institucionais e políticas para a educação

MARCOS DO PERCURSO - 1a Fase



A OFICINA (minilab)

O ápice da fase de mobilização ocorreu com a realização, em fevereiro/18, da oficina de dois dias (denominado minilab). O objetivo era vivenciar a metodologia e começar a encontrar a vocação e o propósito desse grupo de atores diversos.

A pergunta norteadora da Oficina foi: *"qual - é para você - o sentido de juntar um grupo tão diverso para pensar a transformação da Educação Básica em Campinas?"*

O encontro, que contou com quase 30 participantes, pôde **revelar o potencial da diversidade**. Cada um dos atores, concentrados em seu fazer diário - o diretor na sua escola, a secretaria com sua rede, a ONG em sua teoria da mudança, o pai com suas reivindicações e o aluno preocupado mais ou menos com seu futuro - não favorece enxergar sistemicamente a totalidade da situação social da "Educação".

A oficina permitiu observar o grupo passando por diferentes momentos, se movendo, ampliando a percepção a cada atividade proposta de processo e à suas próprias ideias, desejos, vontades, expectativas e modos de se engajar com as diferentes questões que emergiam.

Falou-se do Sistema de Educação de Campinas, mas não só, este se relaciona intensamente com um sistema maior. Acontecimentos políticos em regiões do Brasil tiveram impactos imediatos nos participantes. O contexto político, em nível nacional, afeta profundamente o que se dá neste sistema. As intenções, ideias, ações, desafios e avanços no campo da Educação mundialmente também os afetam, ainda que não consigam perceber de modo tão imediato. É preciso ampliar o olhar e desenvolver a capacidade de ver as partes e o Todo ao mesmo tempo. Isso demanda um tipo específico de atitude e de habilidades, uma escuta de qualidade e um ritmo mais favorável à reflexão e à pausa.

Todos os atores presentes se posicionaram em sistemas/categorias menores e refletiram sobre suas áreas de atuação, seus desafios e potencialidades. Olhando esse conjunto, compôs-se um "mapa do campo da Educação em Campinas". As primeiras reações apontavam para os desafios que esse campo - tão amplo e complexo - trazia para o grupo; ao mesmo tempo se vislumbrava, com certa surpresa, a quantidade de ações que eram realizadas e o que cada ator tem feito. O grupo, que se conhecia em algum nível, não tinha conhecimento da prática de cada ator do sistema. Começava a se ampliar uma visão do que é a Educação em Campinas.

A OFICINA (minilab)

Uma questão em particular chamou a atenção do grupo – O que é participação? O que ela pede de nós? Foi um momento em que as pessoas se posicionaram, trouxeram à roda suas percepções, mesmo que diversas das do colega. O grupo exercitou a participação – como denominada por eles mesmos, “tomar partido” – e esse foi um momento denso, exigente, houve conflitos, houve vontade de apaziguar, de fugir, de mergulhar no conflito. O grupo e os facilitadores sustentaram essa atmosfera, esse campo do diálogo, que exige clareza da intenção, clareza de si e do coletivo, conexão com a intenção maior que une o grupo, uma atenção constante no todo e na parte, e o que o grupo viveu ali foi experimentar a participação – que era ao mesmo tempo o tema e o fenômeno vivido. Isso exigiu um nível de auto responsabilidade e de atenção e pôde-se ver diferentes manifestações do grupo se comprometendo com o coletivo e com a proposta.

Ali, depois de compreender melhor que grupo é esse que eles formam, de exercitar a escuta e o diálogo (com suas potencialidades e desafios), de tornarem mais claro para si e para o outro quais são suas realidades e perspectivas, e de exercitarem o olhar da parte e do Todo, ao viverem uma situação de certa confusão, talvez uma certa tensão no grupo, no esforço de aproximarem os olhares diversos para a mesma questão (a participação) de aprenderem juntos, ali na prática talvez até sem se dar conta o que e como é participar ativamente deste grupo, houve um primeiro movimento de comprometimento com a proposta. Na tensão que se estabeleceu ali, emergiram movimentos de auto responsabilização e de comprometimento com o coletivo, de se “mostrar” despido de cautelas e prerrogativas, de se apresentarem como quem são, com suas particularidades e seus pontos de vista próprios.

O encontro foi finalizado com uma reflexão e uma plenária sobre como cada pessoa/instituição/representatividade se via e se posicionava frente ao convite para uma nova trajetória de imersão e aprofundamento em um percurso de diálogos para a concepção de ações em prol da Educação no município de Campinas, o que pretende-se executar entre 2018 e 2019 com os atores presentes e outros atores a serem mobilizados para pensar estrategicamente esse campo e integrar diversas perspectivas.

Este momento final, em roda embaixo da árvore-mãe que inspirou a todos durante os dois dias do encontro, pediu que cada um refletisse sobre si no percurso (convite recebido e o percurso dos dois dias) e sobre como se coloca diante do percurso a seguir (enquanto indivíduos e organizações), procurando expressar seu posicionamento e aquilo que considerava ser necessário para seguir na caminhada, se essa fosse a decisão.

As pessoas se posicionaram mais como indivíduos, havia ainda algumas condições a serem discutidas no nível institucional e alguns aspectos a serem definidos para a sustentação do compromisso que a caminhada pede que seja firmada. Houve muitas manifestações de desejo e de decisões de participar, o grupo todo pôde se olhar e iniciar uma reflexão sobre quem é esse grupo, o que ele traz como intenção e como potencialidade e como querem seguir caminhando.

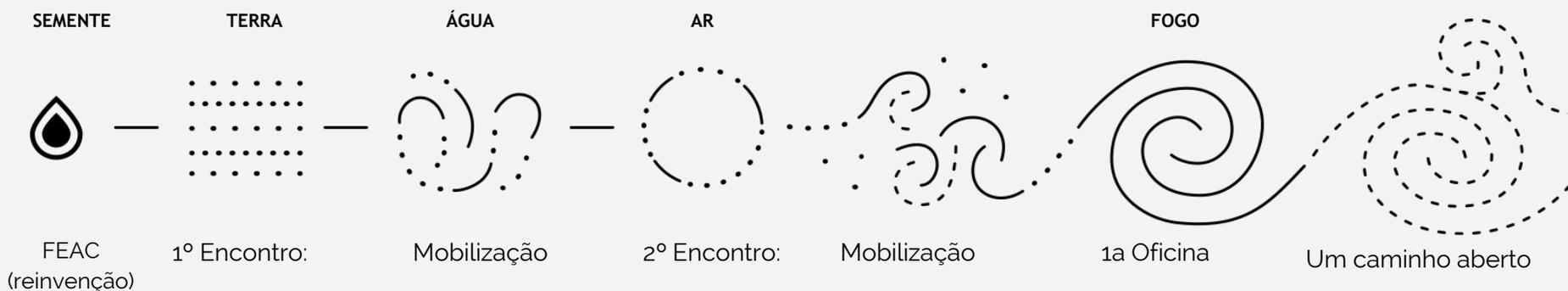
Algumas questões emergem e apontam pontos de atenção ao processo:

- A necessidade de envolver outros atores (poder político, academia, outros pais, alunos, sociedade civil)
- Empoderar os pais de seu papel como atores do sistema, o que eles parecem começar a ver de forma mais concreta, e trazer maior representatividade a essa categoria de atores
- Mobilizar e dar voz aos alunos, ampliando sua participação
- Olhar para os diferentes "espaços" em que a Educação acontece
- Observar a intersecção entre Assistência Social e Educação
- Polaridades / tensões: indivíduo – coletivo, público-privado, indivíduo/instituição, educação formal – educação não formal
- Construir clareza no grupo sobre os compromissos institucionais, para além dos indivíduos
- Trazer clareza sobre a posição da FEAC neste processo: é participe e, ao mesmo tempo, tem um papel importante de mobilização, articulação e financiados



O CAMINHO ABERTO

Uma observação acurada do processo vivenciado nessa fase do Ciclo a partir dos elementos arquetípicos dos quais o mundo se forma:
fogo, ar, água e terra



A semente é lançada pela FEAC. Traz a força da vontade de renovação, reinvenção. A terra que irá receber esta semente inicialmente aparenta dureza e resistência, assim foi a imagem pintada pelos 12 participantes durante o 1º encontro promovido pelo Ciclo. Um imagem sombria, triste, desestimulante...

"Uma escola discrepante, com falta de professores"
"Um modelo ultrapassado"

A mobilização foi mostrando que essa terra não está esgotada. Há brechas que podem romper a rigidez e dissolver velhas estruturas e caminhos. É possível encontrar comprometimento, pessoas qualificadas, escolas que resistem e se reinventam, desejos de mudança.

Uma luz verde sobre o caminho. Em um segundo encontro onde o pessimismo, a desconfiança, a descrença se mantêm presentes, um ar é soprado e leva os 22 participantes a repensar e se dispor a se abrir.

"Somos frutos dessa educação que dizemos que não deu certo!!"

A mobilização continua e a SME quer conhecer a proposta do Ciclo. Há atores contatados que decidem não participar e outros novos a se interessar.

E na vivência de um mergulho para dentro e para fora, na 1ª oficina do Ciclo (*minilab*), há faíscas de fogo para queimar e destravar o que estava estagnando. Abertura ao novo, reconhecimento de ser o Ciclo um processo coletivo diferente de outras propostas onde nada está dado. Uma possibilidade para que algo possa nascer.

O TEMPO DA SEMENTE

O período entre abril e agosto foi dedicado a elaboração de relatórios e análise da 1ª fase pela Diretoria da FEAC.

Em setembro/18, os participantes da oficina foram convidados para um encontro de reconexão, onde 12 puderam comparecer.

A última vez em que estiveram juntos, estavam embaixo de uma grande figueira, na casa que simboliza o início da FEAC, a casa dos seus fundadores. Caíam sementes dessa árvore que, de tão grande, acolhia aquela roda como se tivesse preparado um ambiente para o que estava acontecendo ali. De lá para cá: outono e inverno, uma pausa.

A estação é primavera, das sementes colhidas o que haveria brotado? **Haveria força suficiente em algumas dessas sementes para sustentar a continuidade do ciclo de diálogos?** Há, entre os 26 mobilizados, quem se comprometa com uma próxima fase?

Cada um ali presente se reconectou com o que foi vivido de março ao momento atual, observando as relações com o trajeto percorrido no Ciclo de Diálogos e o que a trouxe novamente àquela roda. O que surgiu entre os presentes foi o sentido daquele momento da roda embaixo da figueira, em que “pessoas tão diferentes estavam ali unidas, dispostas a dialogar como fazer uma educação de qualidade”, o que fala do sentido do grupo..

Ao longo de 4h, foi realizada uma observação para todo o processo da fase de mobilização, ampliando a compreensão do esforço já realizado, bem como verificado os aprendizados obtidos pelos participantes que já influenciam suas ações e organizações – os frutos do processo.

FRUTOS DO PROCESSO

A transformação pessoal qualificando o fazer institucional

"Saí da oficina numa qualidade de pensamento muito elevada e isso tem me ajudado desde então a ter conversas importantes e a levar à frente o projeto. Foi muito proveitoso, mudou minha forma de enxergar o outro, de enxergar a educação, houve uma transformação pessoal.. Acredito que todos os que sentaram à volta daquela figueira não saíram iguais."

"Enquanto instituição nos deu uma força de fazer o que não tínhamos conseguido até então."

"Estar aqui é pessoal e é institucional. O ciclo mostrou a necessidade de ampliarmos os diálogos, e me ajudou, porque estávamos retomando algumas políticas na secretaria que implicavam que tivéssemos sabedoria, paciência e até solidariedade. Retomamos reuniões de escuta com todas as escolas, o que é muito bom, mas muito exigente também. Acho que o encontro me preparou até para isso e eu agradeço."

O valor da ação em grupo

"Foi muito interessante um reconhecimento meu da necessidade de grupo para fazer qualquer tarefa na Educação. Isso mudou na minha estratégia de trabalhar. Hoje tenho alguns parceiros que eu jamais imaginei que eu teria dentro da própria Secretaria. Isso ressuscitou em mim a possibilidade de continuar fazendo o que eu acredito. O problema não era o lugar, o problema era meu jeito de lidar com as coisas. E acho que isso reflete no que podemos pensar em termos da Educação que queremos."

"(...) Aquela experiência de me sentir num grupo, fez com que eu entendesse que a minha maior fraqueza era a solidão, e que também era a minha maior vaidade, pois dá uma sensação de poder. Isso foi transformador!"

FRUTOS DO PROCESSO

O desenvolvimento de habilidades sociais: observação; escuta.

"Esse ciclo me trouxe crescimento pessoal, emocional e profissional, num contexto em que nem tenho uma profissão, por assim dizer. Trouxe um senso de observação diferenciado. E está mais vivo que nunca o desejo de transformar a Educação. O que vivemos me trouxe a noção da minha importância. Enxergo a vontade de muitos em fazer mudança, vejo que nós pais não estamos sozinhos.

"(...) Eu não sabia o que era cidadania antes de poder estar aqui e em outros lugares. Hoje me vejo aqui e em outros contextos tomando um lugar e uma fala. Não há como explicar o que é me empoderar."

"Mudei meu modo de pensar, meu modo de agir. (...) Tenho aprendido a escutar mais, a ouvir mais

Responsabilidade e compromisso a serviço do coletivo

"Que bom que pudemos estar 'fora' por seis meses, esfriar o que era da ilusão emocional e ficar com o que é consciência do processo, uma consciência mais sedimentada, consolidada. Isso tem força. Espero que não paremos."

"(...) espero de todo o meu coração que a gente consiga tirar daqui uma lei, um projeto."

"(...) O que acontece é que, em geral, toda a sociedade está falando dessas questões mas não se escuta, e aqui temos uma amostra e uma diversidade interessante dessa sociedade, de modo que acho que seria muito bom pra todos que pudéssemos nos ouvir nessas questões mais concretas. Temos um potencial."

"Estou aqui e continuo pela seriedade e pertinência da discussão. (...) Aconteceu muita coisa, acho que tem um peso da responsabilidade, estou aqui por conta disso. Todos se sentiram parte do processo. Para mim esse é um espaço muito importante e vejo um sentido de estar aqui."

"Como esse movimento é nosso? É nosso? Se sim, que responsabilidade todos nós temos com ele?"

FUTURO

um caminho
aberto

No meio do caminho

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Carlos Drummond de Andrade

FUTURO um caminho aberto

É hora de construir clareza no grupo quanto aos compromissos institucionais, tão importantes quanto o compromissos individuais já manifestos, para o investimento em uma segunda fase do Ciclo de Diálogos, a começar pela FEAC protagonista e participe do mesmo.

O posicionamento da FEAC frente aos presentes, foi de que **não poderia mais seguir sustentando o processo como único articulador e financiador**. Um posicionamento não esperado.

Sustentar um processo de transformação de uma situação social complexa, como a educação de base em Campinas, requer compromisso genuíno com a intenção diante dos mais inusitados percalços da caminhada.

É importante registrar que o Ciclo de Diálogos pela Educação em Campinas nasce do momento de relevantes mudanças estruturais na FEAC. Instituição que ao longo de mais de 50 anos escreveu uma história consistente de atuação no território, tornando-se reconhecida como organização de investimento social privado relevante no sistema social e educacional. Ao longo desta fase de mobilização, pode-se verificar que na complexidade das relações sociais ela é percebida de diferentes maneiras: como organização assistencialista distante do fazer educacional; como importante financiador de projetos pela educação; como uma organização orientada pelos interesses do setor privado; como organização muito bem estruturada e com potencial de ação. Essas diferentes percepções se traduzem por vezes em atitudes de resistência por parte de alguns atores sociais contatados e outros que se aproximam por ter na FEAC um parceiro importante para a realização de suas ações.

O Ciclo de Diálogos é um processo de articulação entre atores sociais de diferentes setores visando fomentar um campo de colaboração, com poder horizontalizado para atuar a médio e longo prazo na realização de ações e no desenvolvimento de políticas públicas transformadoras do sistema educacional de Campinas.

No entanto, o que esperar de resposta do grupo ao escutar esse "não" ?

FUTURO

um caminho aberto

"Quando eu vim para esse grupo vim muito no sentido de compreender como é que a gente pode estabelecer parcerias e se conhecer? Porque aí a gente pode lutar por projetos complementares para a cidade inteira."

"Foi a primeira vez que a educação não-formal foi incluída nas discussões sobre educação no município, não podemos perder isso."

"Tem coisas que precisam ser feitas, e eu achei que aqui ia ser esse espaço. Quando foi explicado que não era uma coisa para um dia nem dois, que era uma coisa provavelmente para 2, 3 anos, foi quando realmente eu comecei a entender o que a gente estava fazendo aqui e a entender e a relevância e a seriedade do trabalho. Agora fico confusa."

"Vi que o processo de mobilização foi um grande investimento de energia, feito pela Core, talvez na intenção de uma neutralidade da FEAC, mas isso implicou que eles fizessem um trabalho de 'garimpo', como um ator externo chegando a Campinas. O poder de convocação da FEAC poderia ter sido utilizado para se chegar às esferas de maior poder institucional."

"O sonho era aquele projeto que foi apresentado [...] em que um grupo se apropria tanto das discussões que constrói caminhos concretos", influenciando na política pública local. Isso ainda existe em mim."

"(...) a gente entrou nesse movimento sendo chamado. Então a gente consegue assumir o protagonismo de muita coisa, não sei se nesse momento imediato conseguiríamos assumir tudo."

"(...) eu não vejo como um problema o fato de estarmos com esse grupo aqui, porque este é um trabalho que estava baseado no convencimento, no investimento pessoal, acho que foi um grupo que entendeu isso e se comprometeu. Acho que tem uma força o fato de ter essas pessoas aqui. Poderíamos não ter ninguém, por exemplo."

"(...) nem todas as instituições podem contribuir com a mesma coisa, mas podem contribuir, e talvez a responsabilidade de uma contratação não precise ficar a cargo de um, temos responsabilidade de trazer outras instituições e dividir isso."

"A gente já tinha que repensar quem mais falta no círculo também repensar quem mais poderia financiar a iniciativa."

"Não há como responder agora, temos que avaliar institucionalmente as possibilidades e voltar para construir com esse grupo".

DECISÃO

Diante de uma vontade autêntica, o grupo – no qual se inclui a FEAC – definiu que a proposta do Ciclo de Diálogos é relevante, que todos ali estão comprometidos e que alguns pontos devem então ser analisados/estudados em conjunto e outros repactuados:

Pontos a serem analisados pelo grupo:

- A proposta de trabalho apresentada pela Core para a fase 2
- As possibilidades de apoio financeiro / operacional de cada instituição envolvida (não se excluindo as possibilidades de contribuições pessoais num segundo momento) – neste campo já há possibilidades de apoio da Secretaria Municipal da Educação (a ser negociada e confirmada por Luiz Marighetti)
- Os possíveis formatos que favoreçam a viabilidade e a participação de maior número de pessoas
- Os atores que o grupo considera relevantes a serem mobilizados, caso o Ciclo siga

Encaminhamentos definidos pelo grupo:

- Nova reunião para o grupo discutir o que foi analisado e avaliar as possibilidades.

Considerações

- **Principal efeito** desta fase foi trazer a consciência dos potenciais participantes do Ciclo o sentido do processo para si, para o seu espaço de representação e para a educação em Campinas.
- **Reconhecimento da proposta** Ciclo de Diálogos como iniciativa diferenciada ao promover espaço ao diálogo, ressaltando a importância de cada ator, pautada no compromisso e cooperação entre atores por vezes divergentes
- **Destaque para a participação da SME** no processo, expresso na presença da Secretária, dos vários assessores, diretores e professores
- **A participação de pais e alunos** no processo se apresenta com uma das principais vozes de controle social, contribuindo para a legitimidade do processo. E por isso, um esforço para potencializar essa voz com a ampliação do números de representantes



“O que foi criado por seres humanos, pode ser modificado por seres humanos.”

“Precisamos construir um movimento com toda a coragem das nossas convicções”.

Satish Kumar



A Core é uma empresa social que promove a colaboração intersetorial em temas como Educação, Sustentabilidade e Desenvolvimento Social visando impactos positivos à sociedade. Nosso processo consiste em articular e mediar encontros entre lideranças de setores e contextos diversos para dialogar e criar iniciativas em colaboração que possam gerar transformações positivas.



A Fundação FEAC é uma organização independente, privada, de interesse público, sem vínculos político-partidários, com fins não econômicos, fundada em 1964. Nossa missão é a promoção humana, a assistência e o bem-estar social, com prioridade à criança e ao adolescente, em Campinas/SP, em busca de uma sociedade justa e sustentável com igualdade de oportunidades a todos.

Contato Core
cesar@cesarmatsumoto.com
denisefcastro2@gmail.com

Contato FEAC
educacao@feac.org.br